



A memória e a construção de itinerários terapêuticos: etnografia no Centro Espírita William Crookes em Maceió (AL)

Victor Hugo Silva Martins¹
Universidade Federal de Alagoas

Amaro Xavier Braga Junior²
Universidade Federal de Alagoas

Silvia Aguiar Carneiro Martins³
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

A escolha de um itinerário terapêutico é atravessada por vivência de diferentes naturezas (social, cultural, econômica e entre outras) estando a memória no cerne de todas elas. Quando passamos por um processo de adoecimentos é comum que a memória nos direcione para essas vivências, nos oferecendo direcionamentos que integram o itinerário terapêutico que traçamos na busca por bem-estar. É a partir dessa concepção que surge este estudo, que buscou identificar como o Centro Espírita William Crookes, localizado na cidade de Maceió (AL) se tornou para seus frequentantes uma rota na busca por bem-estar. A partir desse estudo foi identificado que a história de um espaço é um arcabouço significativo na produção de memórias que o aponte como um local de cuidado. Considerando que o centro citado foi criado durante o período de repressão do Espiritismo brasileiro, se consolidou em Maceió a partir da assistência à comunidade neste período conflituoso, e se tornou uma das rotas mais procuradas por espíritas da cidade de Maceió na busca por bem-estar.

Palavras-chave

Espiritismo. Itinerário terapêutico. Memória.

1. Bacharel em Psicologia. Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

2. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais. Mestre e Doutor em Sociologia. Pós-Doutorado pela Faculdade EST, EST, Brasil. Mestre em Antropologia. Esp. em História da Arte e das Religiões. Esp. em EAD. Esp. em Artes Visuais. Professor Adjunto do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

3. Graduação em Ciências Sociais. Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1994). Ph.D. em Antropologia - University of Manitoba (2003). Pós-Doutorado pela University of Manchester em 2020 no Granada Centre for Visual Anthropology.-GCVA. Professora Titular em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS do Instituto de Ciências Sociais-ICS pela Universidade Federal de Alagoas.

Memory and the construction of therapeutic itineraries: ethnography at the William Crookes Spiritist Center in Maceió (AL)

Abstract: The choice of a therapeutic itinerary is crossed by experiences of different natures (social, cultural, economic and among others) with memory at the heart of them all. When we go through an illness process, it is common for memory to direct us to these experiences, offering us directions that are part of the therapeutic itinerary that we trace in the search for well-being. It is from this conception that this study arises, which sought to identify how the William Crookes Spiritist Center, located in the city of Maceió (AL) became a route for its visitors in the search for well-being. From this study it was identified that the history of a space is a significant framework in the production of memories that point to it as a place of care. Considering that the aforementioned center was created during the period of repression of Brazilian spiritualism, it was consolidated in Maceió through assistance to the community in this conflictive period, and became one of the most sought after routes by spiritualists in the city of Maceió in the search for well-being.

Keywords: Spiritism. Therapeutic itinerary. Memory.

Memoria y construcción de itinerarios terapéuticos: etnografía en el Centro Espírita William Crookes de Maceió (AL)

Resumen: La elección de un itinerario terapéutico está atravesada por experiencias de diferente naturaleza (social, cultural, económica y entre otras) con la memoria en el centro de todas ellas. Cuando atravesamos un proceso de enfermedad, es común que la memoria nos dirija a esas experiencias, ofreciéndonos rumbos que forman parte del itinerario terapéutico que trazamos en la búsqueda del bienestar. Es a partir de esta concepción que surge este estudio, que buscó identificar cómo el Centro Espírita William Crookes, ubicado en la ciudad de Maceió (AL), se convirtió en una ruta para sus visitantes en la búsqueda de bienestar. A partir de este estudio se identificó que la historia de un espacio es un marco significativo en la producción de memorias que lo señalan como lugar de cuidado. Considerando que el mencionado centro fue creado durante el período de represión del espiritismo brasileño, se consolidó en Maceió a través de la asistencia a la comunidad en ese período conflictivo, y se convirtió en una de las rutas más buscadas por los espiritistas de la ciudad de Maceió en la búsqueda para el bienestar.

Palabras clave: Espiritismo. Itinerario terapéutico. Memoria.

Introdução

Este estudo surgiu a partir de um movimento da pesquisa realizada na pós-graduação (Martins, 2024), que visa compreender os benefícios das terapêuticas espíritas kardecista nos itinerários terapêuticos dos adeptos ao Espiritismo, tendo como campo o Centro Espírita William Crookes, localização no bairro do Prado em Maceió (AL). Com a prática etnográfica, participando das atividades do Centro e estabelecendo laços com os frequentantes do local, foi possível acessar suas histórias de vida, principalmente no que concerne a seus processos de adoecimentos de diferentes ordens, assim como seus itinerários terapêuticos na busca por saúde. A noção de itinerários terapêuticos tem sido um tema latente na área de socioantropologia, como cita César B. Alves e Iara Maria A. Souza (1999), que significa a procura e entrada em diferentes sistemas terapêuticos na busca por saúde/bem-estar.

Durante esse percurso de compreender os benefícios das terapêuticas espíritas no itinerário terapêutico dos adeptos do Centro Espírita William Crookes (CEWC), que surgiu como interesse após a descoberta do estudo de Giumbelli (1997) sobre a repressão sofrida pelo Espiritismo e suas terapêuticas na antiga república, dados que será abordado mais à frente. O contato com a história dos interlocutores passou a despertar algumas reflexões, entre elas, o que leva uma pessoa a acionar os conhecimentos de um sistema de cuidado à saúde⁴ em seus itinerários terapêuticos. Buscando responder essa reflexão emergida em campo, passamos a explorar a história das pessoas que participaram da pesquisa, buscando indícios que nos levassem em um direcionamento para trabalhar o que resultava às escolhas de sistemas de cuidado à saúde.

Com o percurso de investigação trabalhado tanto em reuniões de orientação quanto na disciplina de patrimônio, cultura e memória que faz parte da grade de disciplinas eletivas do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas, passamos a nos debruçar nos dados coletados em campo. Tanto nos diálogos transcritos quanto nos dados presentes nos diários de campo, pode-se perceber que a escolha dos itinerários terapêuticos dos frequentantes estavam intimamente ligados ao espaço, ou seja, ao próprio Centro. De maneira indireta ou direta, os interlocutores da pesquisa tiveram um contato prévio com o CEWC antes de acioná-lo em seus itinerários terapêuticos. Alguns procuravam o Centro por recomendação de terceiros, o referindo como um local de tratamento sério devido sua história, outros tiveram uma busca mais ativa para entrar em contato com a própria história do Centro através de pesquisas. De ambas as formas, as memórias quanto a história do CEWC e de suas atividades passaram a influenciar na decisão dos interlocutores em adicionar o Centro em seus itinerários terapêuticos.

Após analisar esses dados, tanto em reuniões de orientação quanto na idealização da proposta de pesquisa para a disciplina supracitada, nos debruçamos na história do CEWC, e algumas descobertas interessantes nos levaram a visualizar a forma como os aspectos mnemônicos estavam imersos na escolha do Centro como um sistema de cuidado à saúde no itinerário terapêutico dos participantes da pesquisa. Considerando, como cita Kleinman (1988), as escolhas de um ambiente de cuidado não surgem do nada, e a memória, sendo o ato de recordar, é um aspecto importante na construção de um itinerário na busca por saúde/bem-estar.

Dessa maneira, este estudo visa apresentar a relação em memória e itinerário terapêutico a partir da história do CEWC. Considerando que o Centro surgiu no período

4. Por sistema de cuidado com a saúde, consideramos a proposta de Arthur Kleinman (1978; 1980). Em que o autor, dentro de uma perspectiva hermenêutica, ressalta que os sistemas de cuidado com a saúde (*health care system*) não são apenas estruturas organizacionais ou sistemas médicos formais como a biomedicina, mas que engloba sistemas de crenças, práticas culturais e valores que dialogam com a forma em que cada pessoa entende e lida com a doença/saúde. Podendo dessa forma, as religiões também serem pensadas enquanto um sistema de cuidado com a saúde.

de repressão ao Espiritismo no Brasil, se consolidando através de práticas assistenciais mesmo durante esse período tortuoso no qual a religião enfrentou durante sua institucionalização. Com este estudo, acredita-se que será possível compreender a relação entre memória e itinerário terapêutico, além de trazer contribuições analíticas relevantes sobre o processo de institucionalização do Espiritismo em Alagoas.

1 O Espiritismo e suas terapêuticas em solo alagoano

Neste tópico não objetivamos realizar uma contextualização imersiva do Espiritismo no Brasil, considerando que pesquisas importantes já foram desenvolvidas nessa área (ver Giumbelli, 1997; Stoll, 2002; Arribas, 2008; Aubrée e Laplantine, 2009, entre outros). Contemplando as diferentes nuances da inserção do Espiritismo no país, assim como os tensionamentos que aconteceram durante sua institucionalização. Mas sendo importante citar alguns aspectos para melhor compreensão da situação social e política que marcou a chegada do Espiritismo em Alagoas.

O Espiritismo, foi uma religião criada no ano de 1857 na França por Hippolyte Léon Denizard Rivail, mundialmente conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, que o concebeu como:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que emanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (Kardec, 1860, p. 40).

Com sua chegada no Brasil, em que a popularidade de Kardec e a expansão do Espiritismo se deu de forma significativa, se compararmos como se deu em diferentes países como a própria França, país berço da religião. O Espiritismo não encontrou o espaço para ser consolidado como uma ciência, como assim foi proposto inicialmente por Kardec, mas sim como uma religião, principalmente como uma religião terapêutica, como resultado do princípio basilar do Espiritismo, a prática da caridade (Giumbelli, 1997). Nessa perspectiva, Vasconcelos (2003) menciona:

Embora o próprio Kardec tenha deixado bem claro que a ciência espírita não era uma ciência como as outras, muitos dos seus seguidores ignoraram esta cautela e batalharam por um estatuto de paridade. Essa batalha, porém, foi perdida, e o Espiritismo ora ficou numa espécie de limbo entre a religião e a ciência, ora acabou por ser socialmente definido como uma religião (Vasconcelos, 2003, p. 119).

Aqui não nos debruçamos nesta discussão que ainda é presente no movimento espírita, considerando que existem debates para situar o Espiritismo ora como religião, ora como ciência, como citam Vasconcelos (2003), Stoll (2003) e Giumbelli (1997). Tendo em vista que no Brasil, assim como em outros países da América Latina, o Espiritismo se consolidou como uma religião, sobretudo terapêutica. Esse movimento em solo brasileiro se deu, justamente, pelas dificuldades enfrentadas frente ao movimento político no país, tendo o Espiritismo que se adequar aos contextos culturais encontrados no Brasil, bem como de acordo com os avanços científicos e seus métodos de consolidação de análise empírica.

Com a leitura de Arribas (2008), diríamos que o Espiritismo teve uma chegada um tanto tímida ao Brasil, considerando que somente uma pequena parcela de pessoas tinha acesso aos escritos e domínio da língua francesa, se configurando na elite da época. Foi em 1965, seis anos depois da publicação do *Livro dos Espíritos*, livro esse que inaugurou a religião, que o Espiritismo deu uma guinada significativa no Brasil, isso após a fundação dos dois primeiros centros espíritas no país, um no Rio de Janeiro em 1865 e outro em Salvador, no ano de 1873, sendo a Federação Espírita Brasileira (FEB) fundada em 1884, como cita Stoll (2002).

Uma das premissas mais populares, que fundamenta o Espiritismo, é a crença na reencarnação. Kardec (1869) postula no livro “O evangelho segundo o Espiritismo” que a reencarnação é o processo em que o espírito retorna a um corpo físico, habitando novamente o plano material, ou seja, terrestre. Através desse processo de sucessivas habitações em corpos físicos, os nossos espíritos estariam em busca da evolução. A premissa de evolução é marcada pela ocidentalidade em que o Espiritismo é criado, em que Kardec concebe por um diálogo marcado pelo positivismo do século XIX. Kardec menciona que todos os espíritos são criados por Deus de forma igualitária, sendo todos ignorantes, e que passam por sucessivas existências para ter a evolução moral e científica. Estando ligada a outras teorias reencarnacionistas como budismo e hinduísmo, além do evolucionismo que atravessou as ciências humanas e naturais no século XIX. Outra concepção chave do Espiritismo é o princípio de causa e efeito, em que as ações têm consequências que podem afetar esta ou outra reencarnação (Kardec, 1860). Outra crença basilar que teve expressivo contato em campo, é a noção que os seres humanos apresentam uma singularidade que é a da “mediunidade”, fenômeno trabalhado teoricamente no *Livro dos Médiuns*, em que Kardec (1860, p. 178), define a mediunidade como a possibilidade de se manter/realizar contato com o plano espiritual⁵. Segundo o

5. O plano espiritual é uma noção central para a religião espírita, que compreende essa dimensão como um plano não físico em que os espíritos habitam após a morte do corpo. O plano espiritual é dividido em diversas áreas em que os espíritos ocupam de acordo com seu grau de desapego material e melhoramento moral.

autor sendo algo inerente a todos os seres humanos, que cada pessoa tem seu próprio desenvolvimento, se manifestando nas percepções extrassensoriais, intuições, pressentimentos, sonhos etc.. Podendo, segundo ele, todos os seres humanos obterem certa influência mediúnicamente do plano espiritual. Um dos pressupostos-chaves para a aplicabilidade das terapêuticas espirituais da religião.

A principal matéria-prima, como percebido na leitura de Jacob Melo (2015, p. 26), que esses médiuns utilizam em suas terapêuticas é o “magnetismo”, em que o autor explica que é a capacidade de se realizar uma troca que atualmente é conhecida como: “troca de energia” ou “troca instintiva de valores magnéticos” (p. 195). Sendo uma prática sistemática e metódica que, enquanto fenômeno vivenciado pelos médiuns, carrega consigo um grande poder de cura. As terapêuticas espíritas são fundamentadas a partir do Magnetismo desenvolvido pelo Médico alemão Franz Anton Mesmer e incorporado ao Espiritismo por seu criador, o Francês Allan Kardec em 1857, que se baseiam na perspectiva citada anteriormente, em que os seres humanos e não humanos são constituídos por um corpo energético e outra pessoa, com sua energia e aliada a energia dos espíritos que participam da aplicação das terapêuticas, se é possível curar os adoecimentos, estando entre elas a fluidoterapia conhecida como passes, água fluidificada, cirurgias espirituais, receituário homeopático, evangelização no lar e reuniões de desobsessão, também conhecidas como reuniões mediúnicas⁶.

O movimento de pressão às terapêuticas espíritas marcou a institucionalização da religião no Brasil. Giumbelli (1997) menciona que as terapêuticas espíritas foram criminalizadas através dos artigos do código penal⁷ da Primeira República, no qual

6. As terapêuticas de fluidoterapia, água fluidificada e cirurgia espirituais emergem da premissa do Magnetismo posto por Mesmer. Para os espíritas, como registrei em campo, os seres humanos são formados por três instâncias. O corpo, sendo a matéria, o perispírito sendo um corpo energético que está entre o corpo físico e o espírito, sendo a última instância que compõe os seres humanos. Segundo registrei em campo, para os espíritas os não-humanos (espíritos) são compostos por duas instâncias, o corpo e o espírito. As doenças para os espíritas podem surgir tanto no corpo físico quanto no perispírito, no qual podem ser resultantes dessa ou de outra encarnação, estando os vícios e desregulação vivenciadas em uma existência, gravadas no perispírito. Dessa forma, as terapêuticas de cura são movimentadas na crença da energia. Na água fluidificada os médiuns colocam sobre a água suas energias e recebem energias dos espíritos, sendo utilizado como um medicamento espiritual que age no perispírito e pode passar para o corpo mobilizando a cura. A fluidoterapia opera no mesmo movimento, em que com a imposição das mãos do médium sobre paciente, este recebe energias tanto dos médiuns como dos espíritos que podem auxiliar no processo da cura. A cirurgia espiritual ocorre no mesmo sentido, em que o médium com auxílio de um médico espiritual “operam” o perispírito do paciente, a fim de tratar o adoecimento. Os médiuns com auxílio dos médicos espirituais também receitam medicações homeopáticas, como plantas, minerais e produtos animais que podem vir a ser manipulados pelos médiuns ou receitados para busca ativa do paciente. Já a evangelização no lar é uma prática terapêutica através da prece, ou seja, da oração. No qual uma equipe do Centro destinada a essa atividade, vão na casa das pessoas que solicitam para realizar orações com diferentes finalidades, entre elas, a cura. Já as reuniões mediúnicas são terapêuticas voltadas aos não-humanos, em que médiuns se reúnem para se comunicar com espíritos e auxiliá-los em diferentes demandas, entre elas a cura de adoecimentos, considerando que as doenças ficam registradas no perispírito. Todas essas práticas etnografadas na pesquisa de pós-graduação (Martins, 2024).

7. BRASIL. Decreto nº 847, de 11 outubro de 1890. Promulga o código penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 11 out. 2023.

associou essa religião às práticas de charlatanismo. No entanto, apesar das opressões, o Espiritismo conseguiu um solo fértil para sua disseminação no Brasil (Giumbelli, 1997), tendo em vista que a religião foi abraçada por grupos de elite, diferente de religiões de matriz africana, em que devido ao público que defendia o Espiritismo, a religião não recebeu opressões tão marcadas como as religiões pretas. Isso não significa dizer que o Espiritismo não precisou fazer movimentações importantes para a continuidade de suas práticas, como a mudança na aplicabilidade de suas terapêuticas, que antes contavam com a prescrição de medicamentos homeopáticos, cirurgias espirituais com a feitura de pequenos cortes no corpo e até mesmo as reuniões, terapêuticas magnéticas como passe e água fluidificada e reuniões mediúnicas tiveram que ganhar uma outra roupagem durante o período de repressão, mas que, atualmente, tem sido exercido em diversos centros espíritas de maneiras singulares de acordo com as bases doutrinárias de cada centro.

A difusão do Espiritismo no Brasil se deu também pelo fato da religião criada por Kardec ter adquirido aliados de peso por aqui, como Casimir Lieutaud⁸, Augusto Elias da Silva⁹ e Teles de Menezes¹⁰. Além de ter uma reverberação ainda mais potente depois dos médiuns Bezerra de Menezes¹¹, Chico Xavier¹² e Divaldo Franco¹³.

8. Casimir Lieutaud foi um francês que migrou para o Brasil e fundou um colégio de língua francesa no Rio de Janeiro. Casimir foi responsável por publicar o primeiro livro espírita no Brasil no ano de 1860, intitulado como “Os tempos estão chegando”.

9. Augusto Elias da Silva é considerado o pioneiro do Espiritismo no Brasil. Nascido em Portugal e migrando para o Brasil, Augusto fundou o jornal *Reformador*, o mais importante meio informativo espírita do país. Além disso, Augusto participou da fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB) no qual as reuniões se iniciaram na casa do fotógrafo.

10. Teles de Menezes foi um jornalista baiano que colaborou com jornais importantes do estado, como o Diário da Bahia e o Jornal da Bahia. Fluente em diversas línguas, entre elas o Francês, chegou a trocar cartas com espíritas franceses, entre eles Allan Kardec. Participou de diversos grupos de movimentos espíritas na Europa, até o momento que fundou um dos primeiros centros espíritas do Brasil na Bahia, o Grupo Familiar do Espiritismo, em 1865.

11. Bezerra de Menezes foi um médico cearense expoente do movimento espírita e de grande importância devido ao prestígio de sua família. Menezes Belchior da Rosa um dos primeiros colonizadores portugueses a receber o título de senhor de engenho. Para além assumiu o cargo de deputado provincial do Rio de Janeiro e vereador da província. Chegou a ocupar a presidência da federação espírita e publicou diversos livros a fim de propagar a religião. Bezerra de Menezes é uma figura bastante respeitada entre os espíritas.

12. Chico Xavier é um dos espíritas mais conhecido do Brasil. Vindo de uma família modesta de Minas Gerais, Chico foi autor de mais de 410 livros espíritas. Conhecido pela prática da psicografia, ritual espírita em que um médium, pessoas que segundo a religião tem capacidades de entrar em contato com o mundo espiritual, escreve cartas de espíritos através do seu aparelho auditivo e/ou motor. Além de ficar conhecido por seus trabalhos filantrópicos e de terapêuticas de cura. Chico é um modelo para muitos espíritas como pude registrar em campo. Sendo considerado para eles um espírito puro.

13. Divaldo Franco é um professor baiano que chegou a publicar cerca de 250 livros espíritas. Fundador da instituição de caridade Mansão do Caminho, que atende diversas crianças em Salvador-BA. Antes considerado um modelo para os espíritas, em meu campo e contato com diversos espíritas pude registrar uma relação dicotômica com o autor que foi apoiador do Ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que certa parcela do Espiritismo acredita não seguir os idéias de caridade e amor posto pela religião.

No entanto, foi antecedendo o contexto de criminalização que surge o movimento espírita no estado de Alagoas, que se deu antes mesmo da abertura do primeiro centro espírita do estado relatado pela Federação Espírita do Estado de Alagoas (FEEAL) nos quais seus registros apresentam que o primeiro centro espírita alagoano foi criado em 1899. Um dado interessante encontrado em jornais nos faz refletir que o exercício do Espiritismo em Alagoas começou antes mesmo da fundação do primeiro centro espírita do Brasil, que se deu em 1865 na cidade do Rio de Janeiro como menciona Stoll (2002), em que as atividades espíritas em Maceió começaram há um ano após a publicação de *O livro dos espíritos*, que inaugurou o Espiritismo em 1857, no qual o jornal *Reformador*, fundado por espíritas, faz menção a Vasco Marinho da Gama e Mello, chefe maior das províncias de Imperatriz e Murici, atualmente, municípios alagoanos:

É com grande prazer que noticiamos a nossos leitores a adesão que acaba de prestar à doutrina espírita assinando o *Reformador* e oferecendo-se para seu correspondente em Alagoas, o distinto filho daquela Província, coronel Vasco Marinho da Gama e Mello, consumado magnetizador e espírita, cujos trabalhos datam de 1858. Têm eles sido feitos sempre em particular, porque, sendo senhor de engenho e morando em uma terra cuja população não compreendia a sublime doutrina, o coronel não quis se expor a seu mal juízo (*Reformador*, 1989, p. 2).¹⁴

Com essa nota do jornal *Reformador* (1989), podemos tecer algumas reflexões importantes. A primeira seria ao perfil de pessoas que estavam realizando o estudo do Espiritismo no estado de Alagoas. Vasco Marinho da Gama e Mello era chefe da província de Imperatriz e Murici, atualmente municípios alagoanos. Essa informação se faz demasiadamente importante para a compreensão de que o Espiritismo se iniciou como interesse dos brancos de classe favorecidas, algo que se perpetuou tanto desde a propagação na França, até sua chegada ao Brasil (Aureliano, 2011). Para afirmar essa ideia, uma outra matéria jornalística pode ser consultada, em que no ano de 1880, também foram registrados movimentos do Espiritismo na cidade de Maceió pelo jornal *Reformador*, ao mencionar José Egydio da Fonseca (jornalista e servidor público), no exercício do Espiritismo na cidade:

Recebemos jornais de Maceió, que nos enviou, o nosso confrade José Egydio da Fonseca. Por eles se vê que este senhor, porque abraçou a doutrina espírita e porque a derrama tanto quanto pode, está sendo atacado e entregue ao desprezo. Mas por eles também se vê que tais ataques dos inimigos da luz só fazem com que ela mais e mais se espalhe pelos que antes não a conheciam; é a propaganda inconsciente: lá, como cá, como por toda parte, é o mesmo que se vê. Bem razão tem os nossos amigos do espaço, quando sem cessar estão a

14. *Reformador*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1889, p. 3, Espiritismo em Alagoas. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 out. 2023.

nos repetir: “os tempos são chegados.” Ao nosso confrade só poderemos dizer: coragem, paciência, resignação e perdão! (Reformador, 1880, p. 3).¹⁵

Através desses diferentes relatos, é perceptível que o Espiritismo já se encontrava em estudo por alguns grupos aristocratas em Alagoas, assim como na cidade de Maceió, destacando que a chegada desse movimento foi deveras conflituosa, mas que em nenhum momento deixou de ser atuante entre esse público.

Outro ponto importante está no termo “magnetizador”, sendo essa a forma como os espíritas que praticavam o Magnetismo eram conhecidos. Tal perspectiva nos fornece a informação que as práticas de cuidado à saúde do Espiritismo já estavam sendo praticadas no estado, compondo o itinerário terapêutico de certos grupos, no entanto de forma oculta. Nessa época ainda não se tinha a criminalização por parte do código penal, que só ficou vigente em 1890. As práticas eram ocultas devido ao juízo de valor, em que o cristianismo católico era predominante e as pessoas que corriam contra essa maré eram publicamente retalhadas. Todavia, mesmo após a criminalização, as práticas espíritas não foram cessadas.

Diante de toda essa repressão, se criou um Centro Espírita na cidade de Maceió, no mesmo ano da solicitação postada no *Diário do Povo*¹⁶ e com o exercício do código penal.

Tenho a elevada honra de vos comunicar que um grupo de homens desta cidade, compenetrado do verdadeiro sentimento da moral, da religião, da caridade e do amor, deliberou fundar aqui um Centro Espírita com o fim único de instruir e propagar o Espiritismo nesta cidade e mostrar ao mundo e aos nossos confrades do Universo que não somos indiferentes à unidade universal, tão pregada e proclamada pelo Cristo. A fundação deste Centro teve lugar no dia 23 do corrente mês, às 11 horas do dia, na residência do nosso confrade Major José Adolpho de Barros Correia (Reformador, 1890, p. 4).¹⁷

Centro esse que não consta nos registros da FEEAL, considerando que foi criado nove anos antes do centro tido como pioneiro pela instituição. Mas durante as buscas não encontramos outra menção ao centro, somente a criação de um jornal espírita conhecido como *União Espírita* na província de Penedo, então cidade que compõe Alagoas, no qual o jornal *Reformador* (1898) relata o fechamento do jornal que se deu com a morte de seu fundador João Nunes.

15. Reformador, Rio de Janeiro, 15 mar. 1890, p. 4, Espiritismo em Alagoas. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 out. 2023.

16. Diário do Povo. Maceió, p. 2, 15 de fevereiro de 1890. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 out. 2023.

17. Reformador, Rio de Janeiro, 15 mar. 1890, p. 4, Espiritismo em Alagoas. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 09 out. 2023.

No entanto, os trabalhos espíritas em Maceió ainda eram realizados de forma clandestina na casa das pessoas. Considerando que pelos registros apresentados, a cidade já contava com adeptos que trabalhavam com terapêuticas de cura espírita, um itinerário terapêutico de grupos da elite alagoana da época. Sendo as reuniões proibidas, as práticas de cuidado à saúde, um cerne do Espiritismo, tiveram que ser realizadas de forma que não chamasse atenção das autoridades. Ainda segundo os dados encontrados, deduzimos com base na análise dos dados jornalísticos acima, que as atividades do centro que foi fundado diante deste momento tortuoso de criminalização do Espiritismo, podem ter sido suspensas justamente pela vigência do código penal da época. Considerando que não encontramos nenhuma menção ao centro, podendo as atividades espíritas terem sido realizadas em casas de adeptos.

Todavia, como registrado no site da FEEAL, foi inaugurado em 1899 o Centro Espírita Melo Maia, inicialmente chamado de Centro Espírita Alagoano, começando suas atividades em Maceió. Em 1900 já temos registro de outro centro, o São Vicente de Paula, como destaca o jornal *Reformador* (1900)¹⁸, sendo que somente em 1908 foi fundada a FEEAL, como é relatado em seu site. Mesmo com sua institucionalização o Espiritismo ainda era alvo de conflitos em Alagoas, em que na publicação intitulada “O célebre Amphilophio é um intrujão de marca” do jornal *O Índio* de 1918, podemos encontrar a seguinte nota, que destaca a represália sofrida pelo Espiritismo no estado, mesmo após a institucionalização de alguns centros:

Deslocado dos centros em que nasceu e por onde andou, veio ter a Arapiraca esse “vago”, trazendo a bagagem péssima da mixórdia espiritista. Foi isso pelos anos de 1917 a 1918 se não nos falta a memória. Açoitado pelo revés de sua vida vagabunda arrectou (sic) novos planos e eis o mal aventurado novamente para fazer a infelicidade do bom povo de Arapiraca. Desta vez pôde conseguir 5 “papalvos” dos mais bobos daquela geração e com suas artimanhas de progresso, ciência, riquezas e mil outras coisas, está agora a mentir descaradamente O antro é uma verdadeira fábrica de malucos. (...) Povo de Arapiraca, alertai! O antro do espiritismo do Amphilophio e o lupanar de prostitutas de um de seus discípulos são duas catástrofes horríveis que o demônio pôs aí para a perdição de vossas almas e desonra de vossas famílias (O Índio, 1923, p. 1).¹⁹

Dessa forma, podemos notar que uma das vertentes que destacamos ter sido, e ainda é, uma das grandes críticas do Espiritismo é o catolicismo, sendo que o diretor do jornal que emitiu essa nota era um padre chamado Francisco Macedo. Neste trecho

18. *Reformador*, Rio de Janeiro, 1 set. 1900, p. 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 09 out. 2023.

19. *O Índio*, Palmeira, 11 nov. 1923. O célebre Amphilophio é um intrujão de marca, p. 1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 out. 2023.

observamos o quanto a crença do catolicismo se tornou um arcabouço para a represália das manifestações espíritas na cidade, que, mesmo crescentes e institucionalizadas, ainda eram associadas a uma forma de se conseguir riqueza e há ligando diretamente a prostituição, o correlacionando ainda, ao demônio, crença popularmente conhecida nos escritos do catolicismo. Amphilophio, o homem no qual cita o padre, recebeu represálias por sua associação ao Espiritismo, que em outra nota do jornal intitulada “Vade Retro Satanás” de 1923, é relatado:

O Juiz seccional, a quem foi primeiramente requerida a ordem de “habeas corpus”, depois das informações, negou a ordem impetrada. Isto posto, considerando que muito corretamente decidiu o Juiz “a quo”, pois os atos que praticava o paciente são proibidos, e com toda a razão, pelos artigos 156 e 157 do Código Penal. (...) Como vêem ainda os leitores, e sobretudo o snr, Amphilophio, foi uma decisão unânime do Supremo, condenando a prática do espiritismo. Diante disso, e depois disso, como podemos consentir no crime? Não. O comissário de Limoeiro de Anadia deve agir contra essa seita perniciososa, vindo em auxílio da população laboriosa da pequena vila de Arapiraca, desterrando o monstro (O Índio, 1923, p. 1).²⁰

Esse movimento foi um dos mais marcantes com a chegada do Espiritismo no país, pois, de fato, como o próprio Allan Kardec (1860) destaca, o Espiritismo sofreu represálias desde sua criação, e até mesmo antes dela, considerando que as práticas espiritualistas antecedem o Espiritismo, já existindo um forte julgamento dessas atividades, principalmente no seu uso como itinerário terapêutico na busca por bem-estar. Mas com sua institucionalização como uma doutrina dos espíritos, o julgamento do Espiritismo ganhou notoriedade, sobretudo pela luta da elite por sua institucionalização.

Ainda no jornal *O Índio* (1923, p. 1) relata ao mencionar o adepto do Espiritismo citado, como: “Filho da mentira, somente mentiras e intrigas pode produzir. Produto infecto do antro do Espiritismo é natural que vomite podridões (...)”. Destacando ainda:

Espiritismo é um erro, uma heresia e um grande mal, condenado pela razão, pela ciência, pelas leis do país e da igreja (...) porque as perturbações mentais causadas pelo Espiritismo são tantas que os médicos de renome e as estatísticas dos manicômios, mostram que a maioria dos loucos procedem dos sabelismos espíritas, porque procede e desempenha uma de suas obrigações a polícia, que proíbe reuniões espíritas que são punidas pelo nosso código penal (O Índio, 1923, p. 1).²¹

20. O Índio, Palmeira, 18 nov. 1923. Vade Retro, Satanás! Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 out. 2023.

21. O Índio, Palmeira, 18 nov. 1923. Vade Retro, Satanás! Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 out. 2023.

Diversas outras matérias do jornal apontaram o Espiritismo como uma causa de loucura e o mencionando até mesmo como uma seita condenada pela medicina. Entre este marco temporal, outras três instituições espíritas foram fundadas em Maceió, o Grupo Espírita Erasmo em 1910, a Sociedade Espírita Discípulos de Jesus em 1926 e o CEWC em 1934.

Diante das notas jornalísticas encontradas, podemos visualizar certo embate entre o catolicismo predominante na época e o Espiritismo alagoano. Com sua influência, as matérias fazem exaltação do catolicismo, mas apesar dos esforços de invalidar o movimento espírita, notamos certa influência do movimento em publicações editoriais como apresentado anteriormente. Tais movimentos de repressão, como citado, foram o que culminou no estudo realizado na pós-graduação, em que se buscou compreender os benefícios das terapêuticas espíritas kardecista nos itinerários terapêuticos dos adeptos. Tencionando a hegemonia médica e de certa forma as críticas do catolicismo sobre elas, direcionando a discussão para a pluralidade terapêutica, iniciou-se o campo no Centro Espírita William Crookes.

2 O contato com o campo

Quando se iniciou de fato a pesquisa de pós-graduação (Martins, 2024), a escolha do campo se deu em outro centro espírita da cidade de Maceió. Frequentando o centro todas as segundas-feiras, assistindo às palestras do local, momento esse de ensinamentos sobre o Espiritismo, e fazendo alguns vínculos enquanto esperava a autorização por parte da diretoria para realizar minha pesquisa, recebemos a notícia de que a autorização não chegaria. O contato com o diretor do centro era impossibilitado por diversas barreiras burocráticas, indo à secretaria para marcar uma reunião, a espera pela disponibilidade foi algo dificultoso, tendo em vista que neste momento poderia vir a apresentar a pesquisa, processo esse no qual não foi permitido. Alegando a secretaria que o diretor do centro não gostaria de receber pesquisas no local devido aos processos de descredibilidade em que as pesquisas científicas colocavam o Espiritismo, não sendo esse nosso objetivo, mas que não tivemos chances de nem mesmo explicá-los.

Como dito, nesse processo de espera pela aprovação foi feito alguns vínculos com frequentantes, o que levou ao conhecimento da pesquisa, que durante diálogos se era mencionado a vontade de realizá-la no local. O que não imaginávamos neste período era que a proposta da pesquisa já estava sendo debatida entre os frequentantes, o que trouxe Matheus (nome fictício) ao encontro da pesquisa. Não o conhecíamos. Na verdade, nunca o tínhamos visto durante as idas ao campo. Mas, no fim de uma palestra, Matheus se aproximou do lado de fora do centro e relatou que já tinha ouvido falar da pesquisa e

que a achou muito interessante. Depondo que o Espiritismo o ajudou em um processo de adoecimento, mencionando ter vivenciado o bem-estar através do sistema de cuidado à saúde existente no CEWC. Essa informação de Matheus já despertou a curiosidade de saber tanto sobre sua vivência, quanto de fazer do CEWC o campo de pesquisa. Trocamos contatos telefônicos e marcamos de Matheus nos levar ao Centro.

Após dois dias, em uma quarta-feira, Matheus nos apresenta o Centro. Iniciando um diálogo até o local, é relatado por ele ter recebido o diagnóstico de esquizofrenia e que através da biomedicina e do Espiritismo ele encontrou o bem-estar. No momento de seu relato não foi possível aprofundar o diálogo para saber mais informações, estávamos em sua moto, o barulho do vento atravessando o som de sua voz, o que tornava ouvi-lo uma tarefa árdua. Tendo posteriormente tal oportunidade, se tornando seu itinerário um dos estudos de caso de compõem o estudo de pós-graduação (Martins, 2024).

Chegamos ao Centro 30 minutos antes da palestra que iniciaria às 20 horas. O ambiente do centro chamou bastante atenção. Um local grande e sofisticado. Já no auditório, Matheus nos apresentou Veralucia Ferraz, psicóloga, formada também em letras e jornalismo, que atualmente dirige o Centro. Matheus relatou a Vera (como assim é conhecida por todos no Centro) sobre a pesquisa e do desejo de realizá-la no local, verbalizando Vera que falaria sobre a possibilidade após a palestra e assim o fez. A palestra assim como o Centro, tinha uma dinâmica diferente do centro anteriormente visitado, sendo elas transmitidas de forma on-line, mas com a mesma estrutura discursiva das palestras nas quais já havia presenciado, focando nos ensinamentos do Espiritismo. Ao fim da palestra, Vera permitiu que estudo fosse explicado, liberando a inserção no local neste primeiro diálogo. Neste momento, Vera passou os horários das atividades do Centro, ainda direcionando para grupos de estudos e se colocando à disposição para ajudar no que for possível durante a realização da pesquisa. Na semana seguinte, iniciou-se o campo a partir do Grupo de Estudos Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), facilitado por Vera, Cláudio e Leônidas. O número de participantes era 9 pessoas no todo.

A partir desse primeiro contato foi possível conhecer a rotina do Centro e posteriormente adentrar nas atividades semanais do local. O CEWC tem o funcionamento de segunda a sexta-feira, em que são realizadas diferentes atividades. Nas segundas são realizadas palestras às 9h, práticas voltadas a ensinamentos e reflexões de diferentes focos à luz do Espiritismo, seguida da reunião de vibração, em que os frequentantes se reúnem para vibrar energias, meditar e realizar preces a fim de nutrir bons sentimentos e pensamentos, além de passes posteriormente e grupos de estudos também às 9h, prática essa em que são realizadas as leituras de diferentes livros espíritas a fim de proporcionar reflexões sobre as obras. Também é realizando atendimento fraterno às 14h, atividade espírita que dialoga com a prática triagem exercida na biomedicina, em que se é aferido através de consulta com médiuns a causalidade e tratamento para diversas demandas. Na terça, são realizadas

palestras às 14h, seguida de passes e reunião mediúcnica, prática de assistência a seres não humanos, além de atendimento fraterno às 15h. Na quarta, se realiza palestra às 20h, em concomitância com a evangelização infanto juvenil, em que crianças e jovens menores de 14 anos são ensinados de forma lúdica sobre as crenças espíritas e também se é realizada aplicação de passes. Na quinta, realizam atendimento fraterno às 15h, grupos de estudos com inícios entre 19 e 20h, e reunião mediúcnica às 20h. Já na sexta são realizados grupos de estudos às 15h30, atendimento fraterno às 19h, reunião dos aplicadores de passes às 20h e reunião mediúcnica às 21h. E nos sábados às 09h é ofertado atendimento psicológico gratuito. Para além, o Centro conta com a livraria Emmanuel, em homenagem ao espírito mentor de Chico Xavier, que fica em funcionamento de segunda a sexta entre 08h e 18h.

Dentro do calendário semanal do Centro também são incluídas as atividades assistenciais, como Oficina Meimei: terças-feiras às 14h, focando em ensinar práticas artesanais, Grupo das gestantes: quartas-feiras às 14h, em que se são fornecidos enxovais, fraldas entre outros recursos para mães e bebês. Grupo da sopa: quintas-feiras às 14h, em que são distribuídas sopas e cestas básicas para pessoas em situação de vulnerabilidade. Para além, o Centro conta com o grupo Erasmo, no qual presta assistência a pessoas idosas, e o programa do leite, que visa distribuir o alimento para pessoas em vulnerabilidade, práticas essas nas quais não participei até o momento da escrita deste estudo, geralmente realizadas no espaço do Cenáculo presente no Centro. O CEWC conta com uma grande estrutura, contendo diferentes salas para as diferentes atividades desenvolvidas, como se é possível observar nos croquis:

Fig 1 e 2: Croquis realizado por Icaro Vasconcelos Lopes Motta, graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), exclusivamente para a pesquisa de pós-graduação (Martins, 2024).



O CEWC fica localizado na cidade Maceió (AL), no bairro do Prado, sendo caracterizado como um bairro periférico como cita a Organização das Nações Unidas (ONU, 2022), aos seus arredores localizam-se outros bairros periféricos como parte do Trapiche, Cidade de Deus e Levada. No entanto, o bairro tem suas nuances, que apesar de ter habitantes em vulnerabilidade social, também tem partes do bairro em que a realidade destoa da vulnerabilidade posta pela ONU, contendo grandes moradias de famílias classe média, próximo a ambientes privilegiados, como o centro da cidade, a praia, supermercados e hospitais, além de ser rota para bairros de elite da cidade de Maceió, como Ponta Verde, Jatiúca, Pajuçara e parte do Farol. A localização privilegiada do CEWC acaba por refletir na dinâmica social presente no Centro, tendo em vista que boa parte dos frequentantes moram nos bairros aristocráticos citados, sendo um número reduzido de moradores do bairro do Prado e dos bairros periféricos relatados, público predominante nas atividades de assistência do Centro. Tendo um público em sua maioria brancos e letrados.

Com o convívio nas atividades do Centro e os laços estabelecidos, como relatado anteriormente, passamos a ter contato com diferentes histórias que narravam o motivo dos frequentantes acionarem o CEWC como parte de seus itinerários terapêuticos. Em que muitos, sempre relacionava o Centro como um hospital de almas. De início a atenção estava voltada às práticas terapêuticas do local, assim, a associação do Centro a um hospital de Almas foi relacionado às terapêuticas realizadas, mas que logo passou a percorrer outras vias, como a própria história do Centro que se era latente na fala dos interlocutores.

Investigar a dimensão mnemônica que leva à escolha do CEWC se tornou um interesse a partir das leituras de Arthur Kleinman (1988) e Byron Good (1994), ambos autores afirmam que a escolha de um itinerário terapêutico não surge do limbo, mas exerce um diálogo pragmático com a memória. Kleinman menciona que a forma como cada pessoa vivencia os processos de doença, saúde e cura são diversificados, principalmente levando em consideração as diferenças culturais imersas nesse diálogo, dessa forma, a escolha para que rota uma pessoa segue durante um processo de adoecimento é influenciada pelo meio no qual ela está inserida, sendo a memória compartilhada pelas pessoas desse meio, um arcabouço importante da construção de um itinerário terapêutico. Byron Good aprofunda esse diálogo quando menciona que os fatores culturais e sociais desempenham um papel ativo na escolha de um itinerário terapêutico, em que a vivência de uma geração anterior, ou até mesmo uma experiência pessoal que antecedeu o processo de adoecimento, são fatores que influenciam nessa decisão, estando a memória geracional e individual envolta desse processo de escolha.

Dessa forma, o CEWC se tornou uma rota de assistência de cuidado à saúde por conta de situações que fizeram dele uma referência de cuidado para os frequentantes, e

como dito, sua história sempre esteve presente nos dados de interlocução. Associando o que cita os autores Arthur Kleinman (1988) e Byron Good (1994) em concomitância com o discurso dos interlocutores, além dos dados jornalísticos sobre o Centro, observacionais e de troca com os frequentantes, foi possível compreender mais sobre a história do local, que durante o momento de repressão ao Espiritismo, como citado anteriormente, teve um papel de assistência a comunidade ativo na cidade de Maceió.

3 O centro espírita William Crookes presente na memória coletiva

As atividades do CEWC se iniciaram no ano de 1934 no bairro do Centro de Maceió, após a sua reunião de fundação que ocorreu na praça Dom Pedro II, também no bairro do Centro. Nesta reunião, José Joaquim de Lima, primeiro presidente da Federação espírita alagoana assumiu a presidência do CEWC, que visou homenagear em seu nome o químico e físico inglês, William Crookes. O cientista foi de grande relevância para suas áreas de estudo, no qual entre suas descobertas mais importantes estão o Tálcio, número 81 na tabela periódica. Além disso, desenvolveu importantes estudos sobre os raios catódicos, que são fluxos de elétrons observados em tubos de Crookes (tubos de vácuo), que posteriormente deu base para Wilhelm Conrad Roentgen descobrir os raios-x. Para além, Crookes se interessou pela investigação sistemática do Espiritismo, no início com o intuito de mostrar as práticas espíritas de comunicação com o mundo espiritual como uma farsa, mas que a partir dos dados que coletou se tornou um dos mais importantes divulgadores do Espiritismo.

Para o início das atividades, o Centro recebeu um prédio em ruínas da prefeitura de Maceió, localizado na Avenida Cinco de julho, atualmente Avenida Siqueira Campos no bairro do Prado em Maceió, alocação atual do CEWC. Com as discussões feitas por Giumbelli (1997) e Stoll (2002) sobre as opressões sofridas pelo Espiritismo através do código penal de 1890, pode-se questionar sobre as ligações estabelecidas a ponto do recebimento de um prédio da prefeitura de Maceió. Através das referências apresentadas sobre a repressão do Espiritismo no Brasil e mais especificamente em Maceió, fica explícito que o CEWC recebeu forte apoio da aristocracia. Geertz (1989, p. 20) menciona que o antropólogo, em seu campo de estudo, deve estar atento às complexibilidades de seu campo, registrando suas ambivalências, contradições e inconsistências, nos orientando visualizar nosso objeto de estudo como “manuscrito estranho”. Nessa perspectiva, não há como não analisar tais dobramentos da história do CEWC e da historicidade que marca o desenvolvimento do Espiritismo brasileiro, que apesar das represálias o CEWC recebeu da prefeitura o prédio para realizar suas atividades, demonstrando que as relações estabelecidas pelos espíritas da época eram potentes e de grande influência.

Outra questão a se refletir seria a maneira em que as atividades do CEWC estavam sendo realizadas, considerando o movimento de opressão da época. A partir de uma palestra que ocorreu no dia 07 de setembro de 2023, a convidada que falava sobre saúde e família na perspectiva do Espiritismo, mencionou que começou a frequentar o Centro há muito tempo, quando ainda estava localizado em sua primeira sede. Assim ela menciona que foi enviada pelo presidente da FEEAL, nos anos 70, para iniciar junto com um grupo de outros espíritas as reuniões de evangelização no local. Ocorrendo esse fato anos depois do fim da vigência do código penal de 1890.

Com o que é posto por Araújo (2007) ao mencionar que em 1942 a FEB proibiu as práticas como passe magnético e atividades receitistas, pode-se concluir que o sistema de cuidado à saúde do Espiritismo realizado no CEWC teve suas atividades suspensas, no entanto, também pensado nos privilégios recebidos pelo Centro como o ganho de um prédio da prefeitura para realizar suas atividades, essa questão quanto às práticas de cuidado ficam em aberto, tendo em vista que nenhum dos interlocutores vivenciaram o período inicial do Centro. No entanto, obtivemos dados jornalísticos que exploram as atividades filantrópicas do Centro, que iniciou em 10 de março de 1937 com as atividades do Grupo Escolar Antônio Pombo, chegando a receber 300 alunos, mesmo em um período de criminalização. Na busca por oferecer educação à comunidade de Maceió, o CEWC ainda inaugurou a primeira creche da cidade de Maceió, no ano de 1945. Em jornais encontrados, visualizamos que foram realizadas conexões importantes para que a creche pudesse operar de forma ainda mais efetiva diante da necessidade dos cidadãos, em que contou com o suporte da prefeitura de Maceió²².

Tais documentos apontam que o CEWC trabalhou junto a órgãos públicos visando melhoria para as pessoas da época, mesmo ainda se firmando em uma sociedade em que o Espiritismo se encontrava em uma espécie de limbo, em que nem mesmo era reconhecido como uma religião. Com estes avanços institucionais, em 1960, portanto o reconhecimento como uma religião em solo brasileiro, o CEWC deu mais um passo na ampliação da educação no estado, abrindo o Ginásio Erasmo Porangaba. Ocorrendo durante a presidência de Eurides Gomes Porangaba. A escola que hoje funciona no bairro do Prado, atualmente é conhecida como Escola Estadual Erasmo Porangaba, tendo sua existência a partir dos trabalhos sociais do CEWC, como é possível ser consultado na publicação do jornal *Reformador* de 1961²³.

22. Câmara de Maceió, 1948. Lei nº 24 de 18/07/1948. Disponível em: <https://www.maceio.al.leg.br/leis&pagina=347>. Acesso em: 09 out. 2023.

Ministério da Fazenda, Balanço geral do exercício de 1940. 1940. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=066974&Pesq=William%20Crookes%20macei%20c3%b3&pagfis=27301>. Acesso em: 10 out. 2023.

23. Centro Espírita William Crookes. Acervo, 2016. Origens. Disponível em: <https://www.cewc.net.br/origens>. Acesso em: 10 out. 2023.

Posteriormente, o CEWC incorporou o Educandário Humberto de Campos em suas atividades filantrópicas, ampliando assim sua atuação educacional no estado, iniciando também seu trabalho com a juventude a partir da Mocidade Humberto de Campos. Os trabalhos assistenciais em outras esferas para além da educação começou em 1977 com os trabalhos do Grupo das gestantes, em que presta assistência a mulheres grávidas, oferecendo encontro de formação, com cursos que possam ser um diferencial na renda familiar, assim como palestras, que abordam os aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais. Como também, doação de enxovais, cestas básicas e outros elementos importantes no processo de gestação. Já em 1989, o CEWC funda o Grupo Erasmo, visando prestar atendimento especializado a pessoas idosas, oferecendo palestras, momentos lúdicos, assim como reflexões espirituais e assistenciais individualizadas. Por volta de 1994 foi iniciado o Programa da sopa, visando atender à população carente que reside nos arredores do Centro, fornecendo momentos de reflexões, distribuição de sopa e cestas básicas, assim como também conta com o programa de distribuição de leite.

Os interlocutores que frequentam o CEWC citam que este período foi relevante para a construção identitária dos espíritas do Centro. A memória desse período tem servido para eles, como citam em diálogos, como um guia nas atividades desenvolvidas no presente. Em que buscam honrar o legado dos que fundaram o local, estabelecendo suas práticas como uma preservação do que foi realizado por seus antecessores, baseando-se sobretudo na caridade, em que o movimento de assistência a comunidade foi latente. A partir de relatos como esse se é possível visualizar a influência da memória na identidade de um grupo. Teóricos como Halbwachs (1990) e Pollak (1989) exploram que a memória, ou seja, o ato de recordar de algo, acessando lembranças, são construídos de forma coletiva, divergindo entre si na proposta das construções mnemônicas individuais, na qual Halbwachs acredita que as memórias individuais são moldadas e influenciadas coletivamente, enquanto Pollak menciona que as vivências individuais também formam memória. No entanto, em ambas as perspectivas não se pode negar a construção coletiva da memória. No campo, pode-se perceber que a história do CEWC é passada coletivamente para os membros que vão chegando ao Centro, criando uma relação identitária com o local.

As práticas de caridade como as mencionadas no dado de interlocução, foi o ponto mais relevante no processo de reconhecimento e validação do Espiritismo (Lewgoy, 2008), além das relações de poder como já citado anteriormente, tendo em vista o público que buscou incessantemente tal reconhecimento. Cavalcanti (1983, p. 66) menciona que:

Caridade refere-se assim preferencialmente à relação espíritos-pobres, a uma relação de reciprocidade entre desiguais não só no plano moral como social. De um lado, estão os espíritos que “dão”, “esquecem-se de seu eu”, dedicando-se ao Bem, e ao fazê-lo ajudam não só o outro como a si próprios, “ganham pontos” para outra encarnação. Por outro lado, os pobres que “recebem” não só a ajuda concreta como a oportunidade de tornar aquela existência de provações o início de sua redenção.

Esse também foi um percurso feito pelo CEWC, o que resultou no seu reconhecimento enquanto uma instituição religiosa no estado de Alagoas, que inclusive lhe proporcionou ligações importantes para o desenvolvimento de suas atividades assistenciais. Com esse histórico de assistência, um dos interlocutores da pesquisa cita:

Tenho muito orgulho de ser desse centro. Olha a história dele! Aqui é um hospital de almas. Desde sua fundação ajudou tantas pessoas no processo de educacionalização quando isso era privilégio para poucos, criou projetos que tem ajudado a comunidade a décadas. Diante de tudo, quando citam o nome desse centro tudo isso me vem à cabeça. É muito bom poder fazer parte disso, esse centro me salvou e agora venho ajudando pessoas também através dele. (Diálogo com Marcos, 2024).

Quando mencionamos espaços como o CEWC antropologicamente, uma das noções que se é levada em consideração são as relações estabelecidas com o ambiente físico, como é possível se observar nos estudos de Rodrigues (2012) e Aline Canai (2005), em que a memória da constituição de um ambiente físico, o trabalho dos autores emergem no diálogo com o processo de patrimonialização, é um elemento importante na construção da relação com um espaço.

No caso do CEWC esta relação é estabelecida na ideia do espaço como um hospital de almas, a partir das pessoas que têm interação com este local. Percebemos essa relação de se ter este espaço como um local de cuidado em diferentes momentos. Um deles, como relatado, ocorreu antes mesmo da realização do campo no centro. Em visita em outro centro espírita de Maceió, quando ainda ocorria o tateamento para estabelecimento do campo, realizamos contatos com diferentes pessoas, que uma delas, ao tomar conhecimento da pesquisa se aproxima e realiza o convite para conhecer o CEWC, salientando que seria um ótimo local para realizar a pesquisa, no qual, segundo ele, era um ambiente de cura, de cuidado e acolhimento.

Esse interlocutor menciona que o CEWC mudou sua vida, apresentando um discurso marcado pela afetividade resultante de memórias de fatos no qual presenciou antes mesmo de buscar auxílio o Centro, e de como, no caso desse interlocutor, essa dimensão mnemônica corroborou para tornar este espaço uma rota terapêutica para o

tratamento de um adoecimento no qual vivenciou. Relatando ele que, por ter morado no bairro do Prado por muito tempo, percebeu muitas das mudanças e das atividades desenvolvidas no CEWC, atribuído ele seriedade ao local, salientando que ajudou significativamente muitas pessoas que moravam naquela região, relatando ainda, que mesmo não frequentando como antes, tem um carinho expressivo pelo CEWC.

O diálogo com este interlocutor demonstra o quanto a memória cria a relação identitária, o que, como cita Kleinman (1988), é um importante fator a ser levado em consideração ao se escolher um itinerário na busca por bem-estar. Em que o processo de institucionalização do CEWC foi pautado pela assistência a educacionalização, o que o faz ser visualizado por seus frequentadores como um ambiente de cuidado, sobretudo para quem necessita, perspectiva essa presente nos dados de interlocução apresentados.

Como visto anteriormente, o Centro desde sua fundação desenvolveu atividades que não foram voltadas somente a propagação do Espiritismo, mas, esteve presente na assistência da comunidade, em que suas práticas de filantropia promoveu a oportunidade da educacionalização para as pessoas daquela época, atividades assistenciais como as do Grupo Erasmo, do Grupo de gestantes, do Programa da sopa e leite, além dos trabalhos mediúnicos em que as terapêuticas do Espiritismo sempre foram um pilar de suas atividades de assistência à comunidade. Em diversos momentos do trabalho de campo, as histórias do Centro, assim como de seus participantes mais antigos, eram verbalizadas para contar momentos que marcaram os frequentantes, as verbalizações de suas memórias se apresentavam sempre rodeadas de sentimentos, o que denota a importância do Centro e das pessoas que por ali passaram.

A partir dos dados apresentados sobre os aspectos mnemônicos que envolve a relação dos adeptos com o CEWC, é possível identificar o que Kleinman (1988) menciona ao explorar as interseções entre cultura, saúde e doença, destacando que a memória individual e a coletiva desempenham certa influência na tomada de decisão no fazer de um itinerário terapêutico, salientando que as experiências pessoais vivenciadas, assim como, de outras pessoas participam desse processo. Byron Good (1994), em uma perspectiva multidimensional também trata de abordar a memória no tocante a construção de um itinerário terapêutico, em que, o autor afirma que as narrativas transmitidas geracionalmente, moldam e recriam as rotas na busca por saúde, trazendo uma dimensão importante ao ratificar a complexidade que envolve a memória social e coletiva no moldar dos itinerários. Assim as memórias coletivas que surgem do compartilhamento de histórias de adoecimento e de bem-estar permanecem latentes na escolha de uma pessoa. O que se pode remeter ao que Tsing (2019) destaca quando menciona que a memória inspira a dança e a dança inspira a memória, ou seja, a busca por um itinerário terapêutico pode ser inspirada pela memória, que acarreta as interações culturais e

sociais, e essa escolha inspira outras escolhas. Sendo a memória dos adeptos do CEWC sobre a história do local um arcabouço que se tornou significativo na inserção do Centro em seus itinerários terapêuticos.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre a intersecção entre memória e itinerário terapêutico, considerando que a construção ou escolha de itinerário em busca de saúde perpassa experiências vividas, seja da própria pessoa que busca, seja pela influência de memórias coletivas. Estabelecemos esse diálogo a partir dos adeptos do CEWC, percorrendo a inserção do Espiritismo no estado de Alagoas e a inauguração deste Centro diante de um período tortuoso para o Espiritismo no Brasil, ainda assim este Centro se perpetuou como um dos mais atuantes no estado, isso devido a seus trabalhos de assistência à população, sendo conhecido por seus frequentantes como um hospital de almas, se perturbando na memória dos adeptos como uma rota de saúde em seus itinerários terapêuticos.

Dessa maneira, pode-se perceber que essa dimensão é de extrema importância para se escolher em que sistema de saúde buscar o bem-estar, corroborando acreditamos, até mesmo para se descentralizar a hegemonia de sistemas como o biomédico, demonstrando que se existem diferentes rotas, e que cada pessoa iria escolher com base em aspectos subjetivos como a memória, o que a eficácia não está somente no observável por exames clínicos por exemplo, estando ela também ligada a esses aspectos subjetivos.

O CEWC, assim como quaisquer outros saberes de cunho religioso pode vir a se tornar parte de um itinerário terapêutico, o que não exclui que outros saberes não possam ser adicionados no mesmo itinerário, surgindo como rotas que não surgem do nada, mas que se perpetuaram como locais de promoção à saúde através da memória de seus frequentantes.

Essa foi uma relação registrada durante a pesquisa de campo. Muitos espíritas que frequentam o local traçam diferentes rotas em seus itinerários terapêuticos, como a medicina, psicoterapia e outros elementos de promoção à saúde. Seus discursos sempre apontavam a memória como cerne do desenhar dos seus itinerários. Recomendações de pessoas que vivenciaram determinadas terapêuticas, vitoriosas particulares ou recomendações tecidas dentro do próprio Centro eram acionadas para estabelecer diferentes rotas em seus itinerários na busca por bem-estar.

No caso do CEWC, ele se tornou uma dessas rotas para muitos dos frequentadores a partir de sua história ou de pessoas que passaram pelo local. O Centro é constantemente citado como um local de acolhimento e seu percurso de assistência e luta à

repressão é sempre demonstrado em diferentes momentos, seja na data de inauguração posta em grandes números em sua fachada, seja na constante divulgação da data de inauguração de suas atividades e até mesmo no discurso dos adeptos, que, em diversos momentos privados e públicos para não adeptos, verbalizaram a relação afetiva e mnemônica com o local, relatando a história do Centro como uma narrativa que justifica o que fez dele suas escolhas na busca por bem-estar.

O movimento registrado neste estudo apresenta justamente a importância dessa relação, a memória nos oferece um arcabouço de experiências coletivas e individuais que nos direcionam em diferentes tomadas de decisões, e, na busca por bem-estar, esse processo não é diferente. Essa relação mnemônica coletiva e individual é um estímulo que estabelece a relação identitária que tecemos como o ambiente no qual se é buscado cuidado. Os frequentantes do Centro, como citado diversas vezes em texto, citam a relação identitária. Esse é o sentimento que, além de acionado na busca pelo bem-estar, também é propagado e difundido entre adeptos e de adeptos para não adeptos, estabelecendo memórias coletivas que posteriormente podem apontar o ambiente como um espaço de cuidado. Esse também foi um aspecto registrado no estudo, que durante diálogos os frequentantes mencionaram conversas que tiveram com não adeptos, apresentando o Espiritismo e o CEWC como um local de cuidado e acolhimento como assim eles relatam ter vivenciado e que, segundo eles, muitos vivenciaram ao longo da história do Centro.

Referências

- ALVES, P. C. B; SOUZA, I. M. A. Escolha e Avaliação de tratamento para problemas de saúde: Considerações sobre o itinerário terapêutico. *In*: RABELO, M. C; ALVES, P. C. B. A; SOUZA, I. M. A. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999. p. 125-138.
- ARAÚJO, E. S de. **Médicos, médiuns e mediações**: um estudo etnográfico sobre médicos-espírita. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) Universidade Federal do Paraná, 2007.
- ARRIBAS, C. G da. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2008.
- AUBRÉE, M; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro e os espíritos**: Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: Editora da UFAL, 2009.
- BRASIL. Nações Unidas. **ONU-Habitat inicia projeto em território vulnerabilizado de Maceió**. Nações Unidas Brasil. Brasília, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/201448-onu-habitat-inicia-projeto-em-territ%C3%B3rio-vulnerabilizado-de-macei%C3%B3>. Acesso em: 05 abr. 2024.

CANANI, A. Herança, Sacralidade e Poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Horizontes Antropológicos UFRGS**, v 11, n. 23. p. 163-175, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/DdyW8tLQXzJb59CgD9V5y9M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAVALCANTI, M. L. V. C de. **O Mundo Invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GEERTZ, C. The integrative revolution: primordial sentiments and civil politics in the new states. *In*: GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1979, p. 105-157.

GIUMBELLI, E. Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, v. 40, n. 2, p. 31-82, 1997. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/27053/28825>. Acesso em: 20 out. 2023.

GOOD, B. **Medicine, rationality, and experience**: an anthropological perspective. Cambridge: Lewis Henry Morgan Lectures; Cambridge University Press, 1994.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 25-52.

KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**. Brasília: FEB, 1869.

KARDEC, A. **O livro dos espíritos**. Brasília: FEB, 1860.

KLEINMAN, A. **The illness narratives**: suffering, healing, and the human condition. New York: Basic Books, 1988.

LEWGOY, B. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, 353f., 2000.

MARTINS, V. H. S. M. **Os itinerários terapêuticos dos adeptos ao espiritismo na busca pela cura**: etnografia no centro espírita William Crookes - Maceió (AL). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Alagoas, 2024. (em fase de elaboração).

MELO, J. **Passe**: seu estudo, suas técnicas, sua prática. Brasília: FBE. 2004.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 29 set. 2023.

RODRIGUES, R. O de. Repensando as representações acerca do patrimônio histórico: olhares sobre o tombamento de uma antiga base de atracação de zeppelins. *In*: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; TAMASO, Izabela (Org.). **Patrimônio cultural**: trajetórias e conceitos. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 319-341.

STOLL, S. J. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27138>. Acesso em: 25 set. 2023.

TSING, A. L. “**Dançando na floresta de cogumelos**”. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: Mil folhas, 2019.

VASCONCELOS, J. Espíritos Clandestinos: Espiritismo, Pesquisa Psíquica e Antropologia da Religião entre 1850 e 1920. **Religião e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 92-126, 2003. Disponível em: <https://www.ics.ulisboa.pt/en/pub/espíritos-clandestinos-espíritismo-pesquisa-psíquica-e-antropologia-da-religiao-entre-1850-e-0>. Acesso em: 28 out. 2023.